

**ASPECTOS DA MORFOLOGIA DO DIMINUTIVO –INHO
NO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA,
DE ANTONIO DE MORAES SILVA:
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO HISTÓRICO
DO DIMINUTIVO EM PORTUGUÊS**

Messias dos Santos Santana (UESPI/USP)
messiasdsantana@bol.com.br

RESUMO

A pesquisa com vistas à investigação histórica de itens linguísticos, sobretudo no que diz respeito aos sufixos, tem sido uma das preocupações do GMHP – Grupo de Morfologia Histórica do Português – da Universidade de São Paulo, coordenado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, proporcionando, desse modo, o surgimento de investigações tanto no âmbito diacrônico quanto no sincrônico, o que muito tem contribuído para o conhecimento dessas unidades da língua portuguesa. Inserido nas propostas desse grupo e visando a oferecer uma contribuição para o desenvolvimento do estudo histórico do sufixo diminutivo em português, este estudo volta-se para esse tema focalizando a descrição de uma sincronia pretérita (contrastando, assim, com os estudos mais recentes sobre o tema, os quais se concentram, geralmente, na sincronia atual), através da análise das palavras formadas por diminutivo no *Diccionario da Lingua Portuguesa* (1813), de Antonio de Moraes Silva, tendo como foco a sua morfologia. Tratando-se, ainda, de um estudo inicial, aborda somente o sufixo *-inho* e suas variantes *-inha*, *-sinho*, *-sinha*, *-zinho* e *-zinha*. Os resultados indicam, por exemplo, que esse sufixo participa da formação de mais da metade das palavras formadas por sufixo diminutivo existentes nesse dicionário; que as formas *-inho* e *-inha* são mais empregadas que suas variantes iniciadas em consoante; e ainda que as palavras terminadas em vogal favorecem o emprego das formas *-inho* e *-inha*; que as terminações ditongo nasal tônico e vogal tônica só admitem as formas *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha*, enquanto que as palavras que terminam em consoante podem receber tanto as formas iniciadas por vogal como as formas *-sinho*, *-sinha*, *-zinho* e *-zinha*.

Palavras-chave: Sufixo diminutivo. Morfologia.
Diccionario da Lingua Portuguesa. Sincronia. História da língua.

1. Introdução

Ao estudar os sufixos diminutivos no português atual, sempre encontramos referências ao fato de que o sufixo *-inho* é o mais empregado na formação de palavras para indicar as significações que esse tipo de sufixo expressa. Basílio (2011, p. 71), por exemplo, diz: “O principal elemento formador de diminutivo é o sufixo *-inho*. Outros elementos formadores citados em gramáticas existem em formas feitas, mas raramente são usadas em novas formações”.

Ao mesmo tempo, ao consultar-se uma gramática normativa da língua portuguesa – como a de Cunha & Cintra (2001) – encontra-se uma lista de sufixos diminutivos que inclui aproximadamente duas dezenas desses sufixos, não se deixando evidente se todos eles possuem a mesma produtividade e/ou significados no estágio atual da língua portuguesa.

Quando, no entanto, procuramos informações acerca do diminutivo *-inho* e suas variantes *-inha*, *-sinho*, *-sinha*, *-zinho* e *-zinha*, bem como das demais formas, referindo-se a séculos anteriores ao XX, raramente as encontramos. Diante disso, é possível concluir pela existência de uma lacuna na descrição dos sufixos diminutivos portugueses, justamente porque muito se tem feito sobre esse tema em perspectiva sincrônica, mas muito pouco em perspectiva histórica ou diacrônica. Desse modo, ainda precisam ser respondidos questionamentos como: 1) quais sufixos diminutivos são empregados desde a origem da língua portuguesa?; 2) como esses sufixos se comportam do ponto de vista formal?

Uma das maneiras de fazer isso é, segundo cremos, uma investigação do testemunho que nos foi dado pelos gramáticos da língua portuguesa, partindo do estudo das primeiras gramáticas. A outra é através do estudo dos próprios textos – em seus mais diferentes gêneros – que contenham palavras formadas com o emprego de tais sufixos. Logicamente, a soma de um e outro modo de proceder garantirá a esse tema uma abordagem muito satisfatória, quanto ao seu aspecto histórico.

Desse modo, objetivando oferecer uma contribuição ao estudo do sufixo diminutivo português em perspectiva histórica, oferecemos a análise de um dicionário geral¹ da língua portuguesa. Primeiramente, essa escolha deveu-se ao fato de que esse tipo de dicionário, por ser uma obra que também possui caráter metalinguístico, sempre oferece, diretamente ou em suas entrelinhas, informações importantes acerca dos mais diversos temas de uma língua. Ao mesmo tempo, por suas próprias características, pode dispor de informações tanto sobre o presente quanto sobre o passado de uma língua. (Cf. PORTO-DAPENA, 2002, p. 59)

Em particular, escolhemos analisar o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva, que ocupa posição de destaque dentro do quadro da lexicografia de língua portuguesa, sendo assim caracterizado por Verdelho (2003, p. 473):

O *Diccionario da Lingua Portuguesa* de António de Moraes Silva, constitui a mais importante referência na história da lexicografia portuguesa. Como dicionário geral da língua, podemos dizer que desencadeou o início da dicionarística monolíngue moderna portuguesa. Estabeleceu as origens e deu fundamento a toda a genealogia lexicográfica desenvolvida ao longo dos últimos 200 anos.

Esse dicionário foi publicado pela primeira vez no ano de 1789, em Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, em dois volumes. A segunda edição – também em dois volumes – ocorreu na mesma cidade, mas na Tipographia Lacerdina, vinte e quatro anos mais tarde. Para o objetivo que estamos nos propondo aqui, analisaremos a sua segunda edição, em virtude de ela ser mais correta e mais ampla que a primeira, como o próprio autor assinala no *Prologo* de sua obra:

Segunda vez te offereço o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, e porque não vá sem alguma conheçença do indulgente acolhimento, que da primeira lhe fizeste, trabalhei quanto me foi possível por alimpá-lo dos erros, com que saü naquella Edição, e por ampliá-lo em Artigos, e novos entendimentos dos vocabulos, e frases.

¹ Diferentes são os tipos de dicionário, o que faz de cada um deles ter características distintas. Para um maior esclarecimento acerca dos tipos de dicionário, consulte-se, por exemplo, Porto-Dapena (2002).

Antes, no entanto, de apresentar as informações referentes à análise desse dicionário, há uma seção que discute o sufixo diminutivo de um ponto de vista mais teórico. Preferimos, aqui, não simplesmente conceituar e/ou caracterizar o sufixo diminutivo português; fizemo-lo, mas considerando, sempre, a perspectiva de Moraes Silva no momento de elaborar o seu dicionário, motivo por que trabalhamos sempre com autores anteriores à publicação da segunda edição de seu dicionário, os quais poderiam ter sido fonte de consulta para ele – e foram, uma vez que Fernão de Oliveira e João de Barros têm suas gramáticas citadas ao longo da *Epitome* que antecede a ordenação alfabética das palavras no primeiro volume. Analisamos, na sequência, o conceito de diminutivo que Moraes Silva adota, tanto no *Epitome* como no corpo do dicionário, no espaço referente ao verbete *diminutivo*.

2. O sufixo diminutivo em português: de Fernão de Oliveira (1536) a Moraes Silva (1813)

O sufixo diminutivo português já é objeto de descrição em gramáticas da língua portuguesa desde a primeira gramática, a de Fernão de Oliveira, sendo continuamente retomado, e as informações ampliadas nas gramáticas que foram sendo elaboradas nos séculos seguintes.

Em sua *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1975), Fernão de Oliveira traz uma breve abordagem acerca do sufixo diminutivo, limitando, praticamente, a dizer que é regra geral os nomes diminutivos terminarem em *-inho*, *-inha*. (Cf. p. 108).

João de Barros (1540), por sua vez, detém-se mais sobre o tema, mas não muito. Apresenta, no entanto, diferentemente de Fernão de Oliveira (*op. cit.*), o conceito de diminutivo:

Nome Diminutiuo, e aquelle que tem algũa diminuiçam do nome principal donde se deriuou: como de hómẽ, homenzinho, de mulher, molhẽzinha, de moço, mocinho: de criança, criancinha. E outros muitos que se fórmam e acabam em diferentes terminações: mais per uontade do pouo que por regra de bõa Grammatica. (BARROS, 1540, p. 7).

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

No trecho acima citado, vemos, ainda, que o autor identifica as formas *-inho*, *-inha*, *-zinho*, *-zinha* como as mais frequentes, mas destaca a existência de outras formas, embora não as identifique, talvez por não serem empregadas com grande frequência.

Outra gramática que oferece uma descrição dos sufixos diminutivos em língua portuguesa é a *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa* (1770), de Reis Lobato. Neste autor, encontramos praticamente as mesmas ideias postas em João de Barros. Assim, considera o autor que o uso do diminutivo é um recurso para formar novas palavras, indicando a diminuição do que a palavra primitiva significa, conforme a seguir:

Substantivo Diminutivo he aquelle, que significa com diminuição o mesmo, que o nome primitivo, de que se deriva: como v.g. o Substantivo *Livrinho*, que significa com diminuição o mesmo, que significa o nome *Livro*, donde elle traz a sua origem, porque quer dizer livro pequeno. A nossa lingua tem grande copia de diminutivos, que lhe dão muita graça, e delicadeza. (REIS LOBATO, 1770, p. 11)

Quanto à exemplificação, assim como já o fizeram Fernão de Oliveira e João de Barros, Reis Lobato só apresenta exemplos de substantivos diminutivos formados com o sufixo *-inho*, com a significação de tamanho pequeno. Tal fato pode, novamente, fazer-nos interpretar que esse sufixo é o mais empregado em língua portuguesa, na formação de palavras com significado diminutivo.

Com Pedro José da Fonseca, em *Rudimentos da Grammatica Portuguesa* (1799), pode-se dizer que começa uma nova postura com relação à descrição dos sufixos diminutivos em língua portuguesa, por diversos motivos, que serão detalhados a seguir. Antes, no entanto, exporemos o que o autor apresenta, mas que já pode ser encontrado em autores anteriores.

Assim como João de Barros e Reis Lobato, nas respectivas obras indicadas, Pedro José da Fonseca considera o uso do diminutivo um recurso para a obtenção de novas palavras, cujos significados estarão diminuídos em relação à palavra primitiva:

Diminutivos são aquelles nomes, que com diferente terminação dos seus primitivos lhes diminuem o significado; como: *homemzinho*,

derivado de homem; *mulherinha*, ou *mulherzinha*, de mulher; *filhinho*, e *filhinha*, de filho, e filha. Exemplo: *Dos leõeszinhos se formão os leões, dos Tigresinhos os Tigres* [...]. (FONSECA, 1799, p. 25)

Ainda no plano da semelhança na descrição do diminutivo, é importante destacar que Pedro José da Fonseca é conhecedor da descrição dos sufixos diminutivos que João de Barros realiza em sua *Grammatica*, a qual é, inclusive, citada por ele: “Os *diminutivos* tem varias terminações, de sorte que segundo diz Joao de Barros, (2) muitos delles se formão, e acabão mais por vontade do povo, que por alguma regra de boa Grammatica” (FONSECA, 1799). Uma vez que não há, quanto a este ponto, nenhuma argumentação contrária a essa descrição feita por João de Barros, será admitido também, neste estudo, que Pedro José da Fonseca aceita – como faz o autor por ele citado – que as terminações *inho* e *inha* são aquelas empregadas pelos que fazem o bom uso da língua – formações baseadas na gramática –, enquanto que as demais terminações, que são de uso popular, não são usadas pelos que dominam o bom uso da língua.

As diferenças, por sua vez, com relação aos autores até aqui analisados, acentuam-se em diversos pontos, a começar pelo fato de que este autor deixa explícito que a diminuição que se realiza em relação à significação da palavra primitiva não se restringe ao aspecto espacial ou tamanho do ser, sendo o sufixo diminutivo também empregado para indicar diminuição de qualidade, assim como carinho ou desprezo: “Delles [os diminutivos] se usa para indicar diminuição na quantidade, ou qualidade do sugeito, de que se trata. Tambem servem para exprimir o carinho, ou a idéa do desprezo, que por seu meio se quer excitar” (FONSECA, 1799, p. 25). A admissão desses novos valores semânticos pode ter ocorrido em virtude de o autor também indicar que os diminutivos podem ser acrescentados aos adjetivos.

Outro ponto de destaque na descrição dos diminutivos oferecida por este autor está no fato de que ele não se limita a dizer que “Os *diminutivos* tem varias terminações” (*Idem, ibidem*), como o faz João de Barros, mas indica quais são essas terminações, entre as quais *-inho/-inha* é apontada como a mais produtiva:

Mas assim mesmo a terminação mais ordinária para o masculino dos substantivos, e adjectivos, he em *inho*, e para o feminino em *inha*. Alguns pelo dito modo a tem em *ete*, e *eta*, como: *doudete*, *escudete*, *mocete*, *pannete*, *pequenete*, *pistolete*, *pobrete*, &c., ou tambem: *ilheta*, *moceta*, *villeta*, &c.

Os adjectivos a tem ás vezes em *ino*, como: *pequenino*, *tamanino*, &c.: os substantivos masculinos em *ote*, ou *oto*, como: *bacorote*, *camarote*, *perdigoto*, &c., e os femininos em *agem*, *ilha*, e *ota*, como: *villagem*, *camilha*, *galeota*, &c. (FONSECA, 1799, p. 25-26)

Esta é, portanto, a descrição mais avançada sobre os sufixos diminutivos em língua portuguesa até o momento, a qual será encontrada, em muitos aspectos, nas descrições posteriores.

Considerando, portanto, essas informações, busquemos analisar o conceito de diminutivo que nos oferece Moraes Silva na segunda década do século XIX, o que será de grande auxílio na identificação dos diminutivos existentes em seu dicionário.

2.1. O conceito de diminutivo segundo Moraes Silva, no *Diccionario da Lingua Portuguesa* (1813)

Quando Moraes Silva elabora a segunda edição do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, em 1813, assim como a *Epitome da Grammatica Portuguesa* que o antecede, já existem, portanto, todas as abordagens que até aqui expusemos sobre o diminutivo português. Encontramos, no entanto, somente Fernão de Oliveira e João de Barros citados em sua obra.

Em relação ao que se pode encontrar de descrição do diminutivo português em Moraes Silva, é importante considerar dois momentos do primeiro volume de sua obra. As primeiras informações são encontradas na síntese sobre a gramática da língua portuguesa que o autor traz com o título de *Epitome da Grammatica Portuguesa*, na qual afirma:

Dos nomes, e adjetivos primitivos se derivão os *diminutivos*: v. g. de homem *homenzinho*; de mulher *mulherinha*; de cavallo *cavallinho*, &c e os *aumentativos*, v. g. *homenzarrão*, *mulheraça*, ou *mulherona*, *cavallão*, &c. dos adjetivos, v. g. *doido* *doidarvão*, *louco* *lou-*

quinho, secco seccarrão; Ladrão, ladravás, &c. (MORAES SILVA, 1813, p. VI)

A análise do fragmento acima nos indica que o diminutivo, para esse autor, forma-se com o acréscimo de sufixo (derivação sufixal, portanto) a um radical ou a uma palavra, tanto em relação ao substantivo quanto com os adjetivos. São, portanto, informações que se poderiam dizer relacionadas à forma; as informações semânticas não estão explicitadas.

O que falta de informação semântica no trecho acima citado nos é compensado na seção lexicográfica em si do *Diccionario*, mais especificamente no verbete que tem como entrada a palavra *diminutivo*, que assim se encontra definida:

DIMINUTÍVO, adj. t. de Gramm. O nome, ou adjectivo, que declara a coisa com diminuição do seu estado ordinario: v. g. *homemzinho: pobrete*. (*Idem, ibidem*, vol. 1, p. 619)

A partir da definição acima, podemos dizer que, semanticamente, o *diminutivo* apresenta uma *diminuição* daquilo que o nome, isto é, o substantivo, e o adjetivo significam (declaram) quando empregados com a significação da forma anterior ao acréscimo do sufixo diminutivo (seu estado ordinário).

Segundo podemos observar, baseados no que acima está exposto, para Moraes Silva o diminutivo é, portanto, uma característica dos nomes (substantivos) e adjetivos. Então, para compreendermos de forma mais clara o que esse autor entende por diminutivo, recorreremos ao que ele entende por nome (substantivo) e adjetivo. Para isso, nos auxiliaremos dos respectivos conceitos e características presentes em sua *Epítome*.

Assim, em relação ao primeiro termo, o autor afirma: “*Nomes*, ou *Substantivos*, [são as palavras] com que significamos os indivíduos da natureza, ou da arte, v. g. *Pedro, casa, pomo*: e as qualidades de per si, como *alvura, doçura*” (p. V). Acrescentando, já na página seguinte, que os “*Nomes* são as palavras, com que indicamos as coisas, que existem por si, v. g. *casa, pomo, homem*; ou as qualidades, que representamos como existindo sobre si, v. g.

alvura, riqueza, doçura, mansidão, &c. estes se dizem *nomes abstractos*". (p. VI)

Os adjetivos, por sua vez, assim se encontram definidos em Moraes Silva (*op. cit.*, p. V): "Os *Adjectivos Attributivos*, [são as palavras] que ajuntamos aos nomes, para significar os attributos, propriedades, qualidades, e accidentes das coisas, v. g. homem *bom*, fruta *doce*, seda *azul*, homem *moral &c.*".

A partir desses conceitos podemos perceber que o diminutivo não designa, apenas, algo palpável ou visível, isto é, material, mas também "coisas" não palpáveis ou invisíveis, isto é, imateriais. Desse modo, o diminutivo não é empregado apenas para diminuir o tamanho ou espessura ou ainda a qualidade de algo.

Se considerar-se que o mesmo autor define *diminuição*, em seu sentido geral, como a "Quebra, que padece qualquer grandeza, corpo, quantidade, ou suas qualidades, fâculdades [...]" (*op. cit.*, p. 619), então o *diminutivo* expressa a diminuição do tamanho, espessura – diminuição do referente, quando o sufixo diminutivo é aplicado a um nome – ou a diminuição daquilo que o nome – quando aplicados a nomes que designam qualidade – ou o adjetivo significam. Ou seja, essa diminuição pode dar-se tanto no sentido denotativo – isto é, redução do tamanho ou espessura do "ser" em si – quanto no sentido conotativo – quando essa diminuição se dá em sentido metafórico ou metonímico – afetando, portanto, não o seu tamanho ou espessura em si, mas a significação de algo tal qual se considera ser o normal para determinada qualidade ou atributo.

Os exemplos a seguir, retirados do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, são bem ilustrativos dessa análise:

ABELHINHA, s. dim. de Abelha. (vol. 1, p. 7)

ADAGUINHA, dim. de Adaga. (vol. 1, p. 38)

AFFRONTINHA, s. f. dim. de Affronta. (vol. 1, p. 56)

ALEGRÈTE, adj. Algum tanto alegre [...]. (vol. 1, p. 88)

ALQUEIRÍNHO, s. m. Meyo alqueire, e um selamim escasso [...]. (vol. 1, p. 105)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

AMARELLÍNHO, dim. de Amarello [...]. (vol. 1, p. 115)

AZEDÈTE, adj. dim. de Azedo. (vol. 1, p. 247)

Vemos, nesses exemplos, diferentes tipos de *diminutivo*, em que os substantivos *abelhinha*, *adaguinha* e *alqueirinho*, por exemplo – formados com o acréscimo de um sufixo diminutivo a um substantivo designador de um referente palpável, visível, conforme verificamos a seguir, a partir das respectivas palavras que lhes deram origem,

ABELHA, s. f. Insecto, que recolhe o mel das flores. [...]. (vol. 1, p. 7)

ADÁGA, s. f. Arma curta, pontaguda, como punhal, que se trazia á cinta, da parte oposta a onde vinha a espada; della se servião tambem os que jogavão a espada [...]. (vol. 1, p. 38)

ALQUEIRE, Medida de grãos [...]. (vol. 1, p. 105)

– designam um referente com o tamanho menor que o designado pela palavra sobre a qual o sufixo foi acrescentado. Isto é, tanto *abelhinha*, quanto *adaguinha* e *alqueirinho* referem-se a algo cujo tamanho é menor que o tamanho considerado normal pela sociedade para cada um desses referentes.

Por outro lado, palavras como *affrontinha*, *alegrete*, *amarelinho* e *azedete* – cujas origens respectivas estão nas palavras a seguir, não designadoras de referentes palpáveis, visíveis,

AFFRONTA, s. f. Denuncia, representação, noticia que se dá [...]. (vol. 1, p. 55)

ALÉGRE, adj. Que tem alegria. §. Coisa que inspira alegria. §. Esperto. [...]. (vol. 1, p. 87-88)

AMARÉLLO, adj. Da còr da gemma do ovo, do oiro, [...] do enxofre. (vol. 1, p. 115)

AZÈDO, adj. Acido, que sabe como o limão não doce, o vinagre, o vinho fermentado. §. fig. Aspero, e desabrido na condição, genio. [...]. (vol. 1, p. 247)

– também expressam o diminutivo para as palavras *affronta*, *alegre*, *amarello* e *azedo*. Só que, diferentemente do que ocorreu nos diminutivos que acima analisamos, aqui não temos uma diminui-

ção do tamanho em si da *affronta*, do *ser alegre*, do *ser amarello* ou do *ser azedo*, mas sim uma diminuição daquilo que poderíamos dizer a *intensidade* (ou *semelhança com*) da *affronta*, do *ser alegre*, *ser amarello* e *ser azedo*. Desse modo, podemos concluir que *affrontinha* é/pode, por exemplo, ser uma afronta feita sem grande entusiasmo por alguém ou sem grandes repercussões; dizemos que alguém está *alegrete* quando esse alguém se encontra apenas um pouco alegre. Da mesma maneira, *amarellinho* e *azedinho* podem significar algo que apresenta, respectivamente, levemente a cor amarela e o gosto azedo ou que se assemelha àquela cor e com este gosto.

Considerando, portanto, tudo o que se expôs aqui sobre o diminutivo, somente serão considerados diminutivos no *Diccionario da Lingua Portuguesa* aquelas palavras que obedecerem, simultaneamente, aos seguintes critérios: 1) possuir em sua estrutura sufixo que a tradição gramatical de língua portuguesa considere como diminutivo, conforme descrito aqui; 2) possuir significado entre os quais a tradição gramatical de língua portuguesa aponte como sendo os exercidos por um sufixo diminutivo, conforme aqui descrito.

Passemos, portanto, à próxima seção, no qual apresentaremos algumas análises acerca da morfologia das formas diminutivas *-inho*, *-inha*, *-sinho*, *-sinha*, *-zinho* e *-zinha*, a partir dos diminutivos que apresentam essas terminações identificados no *Diccionario da Lingua Portuguesa*.

3. Morfologia do diminutivo *-inho* e suas variantes no *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva

O sufixo *-inho* e suas variantes *-inha*, *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha* constituem o grupo de sufixo mais produtivo, considerando os dados que dispomos. Foram identificadas 463 palavras com esse sufixo, o que representa, aproximadamente, 63% do total de palavras que foram identificadas como diminutivas – ao todo foram encontrados 740 diminutivos. Eis alguns exemplos:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CALDEIRÍNHA, s. f. dim. de Caldeira. (vol. 1, p. 325)

GRACÍNHA, s. f. dim. de Graça. (vol. 2, p. 95)

GRANDÍNHO, adj. dim. de Grande. (vol. 2, p. 97)

DÒCEZÍNHO, adj. Algum tanto doce. (vol. 1, p. 635)

CORAÇÃOSÍNHO, s. m. dim. de Coração. (vol. 1, p. 471)

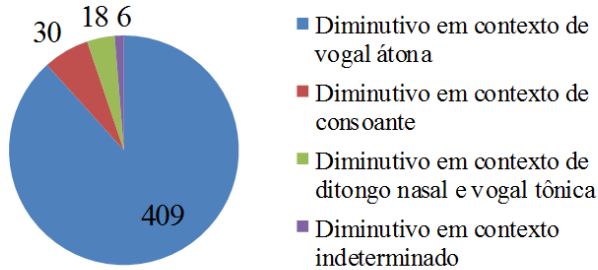
FLORZÍNHA, s. f. dim. de Flor. (vol. 2, p. 40)

PÁRTESÍNHA, s. f. dimin. de Parte. (vol. 2, p. 402)

Se considerarmos o uso desse sufixo, é possível identificar diferenças quanto à participação dessas formas sufixais. Assim, a ocorrência das formas sufixais *-inho*, *-inha* é bem mais frequente que o emprego das demais, chegando a ser cinco vezes mais – 389 contra 72; em 2 ocorrências não é possível determinar esse contexto. Transformando as informações em números percentuais, teremos que as formas *-inho* e *-inha* ocorrem em 84,017% dos exemplos que identificamos, e as formas *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha* em apenas 15,550%. Em somente 0,431% das ocorrências não foi possível identificar se se trata de *-inho*, *-inha*, *-sinho*, *-sinha*, *-zinho* ou *-zinha*.

Saindo dessas informações de âmbito geral da ocorrência do sufixo *-inho* e suas variantes, é interessante considerar o contexto em que cada um dos dois grupos de formas sufixais acima ocorre, ou seja, é importante identificarmos as características terminativas das palavras a que se acrescentam as formas *-inho*, *-inha* e as formas *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha*. Para isso, a partir dos dados obtidos, estabelecemos três contextos, a saber: 1) diminutivos formados a partir de uma palavra primitiva terminada em vogal átona; 2) diminutivos formados a partir de uma palavra primitiva terminada em consoante; 3) diminutivos formados a partir de uma palavra primitiva terminada em ditongo nasal ou vogal tônica. Como nem sempre é possível identificar a forma da palavra primitiva, elaboramos mais um contexto: 4) contexto indeterminado. A partir disso, obtivemos os dados seguintes:

O diminutivo -inho, -inha, -sinho, -sinha, -zinho, -zinha no DLP (Morales Silva, 1813 [1789^a]) - contextos de ocorrências



Ou seja, dos 463 exemplos de diminutivo em *-inho*, *-inha*, *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, e *-zinha*, 409 (88,336%) foram formados a partir de uma palavra que terminava em vogal átona; 30 (6,478%) tomaram como ponto de partida uma palavra terminada em consoante; 18 (3,887%) palavras formaram-se partindo de um ditongo nasal ou de uma vogal tônica; e em 6 (1,295%) palavras não se conseguiu identificar esse contexto, por não se ter certeza de que palavra foi tomada como ponto de partida.

Uma conclusão possível, considerando esses dados, é que o diminutivo é bem mais frequente em palavras cuja terminação é uma vogal átona, quando comparadas às palavras que terminam em consoante, ditongo nasal ou vogal tônica.

A análise dos dados ainda nos revela informações importantíssimas que podem nos oferecer pistas acerca do funcionamento de cada um desses dois grupos de formas sufixais no âmbito da língua portuguesa. Por exemplo, em contextos de palavras diminutivas formadas a partir de uma palavra terminada em vogal átona, em 90,22% dos exemplos, isto é, em 369 palavras, as formas sufi-

xais que foram acrescentadas à palavra ou à sua base foram *-inho* e *-inha*, conforme ilustram os exemplos que seguem²:

BRAVÍNHO, adj. dim. de *Bravo*. (vol. 1, p. 229)

CABRITÍNHO, s. m. dim. de *Cabrito*. (vol. 1, p. 314)

FEBRÍNHA, s. f. *Febre Branda*. (vol. 2, p. 18)

MARTELLÍNHO, s. m. de *Martello*. (vol. 2, p. 273)

Ou seja, a ocorrência das formas *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha* na formação de um diminutivo a partir de uma palavra terminada em vogal átona, embora ocorra, não pode ser considerada uma característica marcante da formação de diminutivo em português, uma vez que corresponde a menos de 10% (9,779%, isto é, 40 ocorrências) do total de exemplos analisados.

Ainda com relação ao comportamento do sufixo *-inho* e suas variantes em contexto de vogal átona, é importante destacar que, das 40 palavras em que as formas *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha* ocorrem como diminutivos, 10 possuem diminutivo correspondente em *-inho*, *-inha*, como verificamos em exemplos como os que seguem:

ALMASÍNHA, s. f. dim. de *Alma*. *Alminha*. (vol. 1, p. 100)

ALMINHA, s. f. dim. de *Alma*. (vol. 1, p. 101)

COPÍNHO, s. m. dim. de *Cópo*. (vol. 1, p. 468)

COPOSÍNHO, s. m. dim. de *Cópo*. (vol. 1, p. 468)

MOÇASÍNHA, s. f. dimin. de *Moça*. (vol. 2, p. 307)

MOCÍNHA, s. f. dimin. de *Moça*. V. *Moçasinha*. (vol. 2, p. 307)

VENTÍNHO, s. m. dim. de *Vento*. (vol. 2, p. 841)

VENTOSÍNHO, s. m. dim. de *Vento*. *Lusit. Transf. f. 91*

² No contexto em análise, somente em 5 exemplos (*campainha*, *fontainha*, *pintainha*, *pintainho* e *ventoinha*), as formas *-inho* e *-inha* foram acrescentadas à palavra que lhe deu origem; nos demais, são colocadas sempre após a base.

Isso pode ser mais um fato que vem corroborar o que acima referimos acerca da maior propensão de formar o diminutivo, em contexto de vogal átona, com as formas *-inho* e *-inha*.

Enquanto que a formação de diminutivo com *-inho* e *-inha* em contexto de vogal átona tem predomínio absoluto sobre a formação com *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha*, o comportamento desses dois grupos de formas sufixais em contexto de consoante, isto é, diante de palavras cuja forma primitiva termina em consoante, é praticamente o mesmo – mas ainda aqui com predomínio para *-inho* e *-inha* –, uma vez que, dentre as 30 palavras que foram identificadas no dicionário em análise como dentro desse contexto, as formas do primeiro grupo são encontradas em 16 delas; as demais 14 são formadas com as formas *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha*. Vejamos os exemplos abaixo:

ALVARINHO, adj. dim. de Alvar.

ANDORZÍNHO, s. m. dim. de Andor. (vol. 1, p. 132)

ANZOLÍNHO, s. m. dim. de Anzol. (vol. 1, p. 145)

CANISTRÉLZINHO, s. m. dim. de Canistrel. (vol. 1, p. 337)

COLHERÍNHA, s. f. dim. de Colhér. (vol. 1, p. 412)

COMERZÍNHO, s. m. dim. Comer. (vol. 1, p. 419)

Concluímos, portanto, a partir desses dados, que o contexto consonantal não favorece o emprego das formas consonantais do sufixo *-inho*, *-inha*, ao contrário do que ocorre com o contexto de vogal átona, o qual propicia um maior uso das formas *-inho*, *-inha*.

Acrescente-se a isso, também, o fato de que em contexto consonantal, encontram-se exemplos nos quais as formas *-inho*, *-inha* e *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha* alternam-se na formação dos diminutivos, criando, assim, formas duplas, conforme abaixo:

ALTARINHO, s. m. dim. de Altar. (vol. 1, p. 106)

ALTARZINHO, s. m. dim. de Altar. (vol. 1, p. 106)

AMORÍNHO, s. m. pl. dimin. *Meus amorinhos*: expressão carinhosa. (vol. 1, p. 125)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

AMÒRZÍNHO, s. m. dimin. de Amor. *Meu amorzinho*: expressão carinhosa famil. (vol. 1, p.125)

ANIMALÍNHO, s. m. dimin. de Animal. (vol. 1, p. 135)

ANIMALZÍNHO, s. m. dimin. de Animal. (vol. 1, p. 135)

ANNELÍNHO, s. m. dim. de Annel. (vol. 1, p. 136)

ANNELZÍNHO, s. m. dim. de Annel. (vol. 1, p. 136)

O terceiro contexto que destacamos em nossas análises é aquele em que o sufixo diminutivo *-inho* e suas variantes devem ser acrescentados a uma palavra que termina em ditongo nasal ou em vogal tônica. Nesse contexto, os dados não deixam dúvida, como podemos observar a partir dos seguintes exemplos:

BORDÃOZÍNHO, s. m. dim. de Bordão. (vol. 1, p. 292)

CÃOSÍNHO, s. m. dim. de Cão. [...]. (vol. 1, p. 340)

FERRÃOSINHO, s. m. dim. de Ferrão. (vol. 2, p. 24)

MÃOSINHA, s. f. dimin. de Mão. (vol. 2, p. 266)

PÉSÍNHO, s. m. dimin. de Pé. (vol. 2, p. 442)

PÓSÍNHO, s. m. dimin. de Pó. *não tenho nem um posinho de tabaco*. (vol. 2 p. 460)

SÓZÍNHO, adj. dimin. de Só, que exprime a tristeza, ou compaixão de quem está só. (vol. 2, p. 728)

Ou seja, com palavras primitivas terminadas em ditongo nasal tônico ou em vogal tônica, não é possível formar o diminutivo acrescentando *-inho* ou *-inha*, mas somente *-sinho*, *-sinha*, *-zinho* e *-zinha*. Ao todo foram encontrados 18 exemplos de palavras nesse contexto, todas elas caracterizando-se dessa maneira.

Com base nisso, é possível afirmar que contextos de nasalidade-tonicidade³ e tonicidade favorecem o emprego destas formas, ao mesmo tempo em que impedem o uso daquelas.

³ É importante observar que os dados que dispomos somente nos permitem afirmar isso quanto às palavras oxítonas em *-ão*. Nos demais contextos, essa afirmação precisa ser verificada.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Outro aspecto relacionado aos estudos morfológicos das formas *-inho*, *-inha*, *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha* que será contemplado neste estudo é o que analisa quanto à relação entre a classe a que pertence a palavra derivada e a classe da palavra que lhe deu origem. Como nem todas as palavras de nosso *corpus* tiveram a palavra primitiva identificada – o que por consequência não permite a identificação da classe a que esta pertence –, o *corpus* a partir do qual analisaremos o tema em foco fica reduzido a 457 palavras. Destas obtivemos os seguintes dados: 1) 403 são substantivos; 2) 49, adjetivos; 3) 3, verbos; 4) e 2 são advérbios⁴.

Em relação aos substantivos, 399 são originados a partir de outros substantivos, 3 têm origem em adjetivos e 1 em um verbo. Abaixo seguem os exemplos destes últimos:

BENTÍNHO, s. m. Pequeno escapulario bento, que se traz no pescoço. (vol. 1, p. 278)

MOLLÍNHA, s. f. Chuviscos. (vol. 1, p. 312)

COMERZÍNHO, s. m. dim. Comer. (vol. 1, p. 419)

VELHOSÍNHO, s. m. Velho fraco, e cançado. (vol. 2, p. 837)

Os adjetivos têm um comportamento semelhante aos substantivos, pois somente 2 deles têm origem em outra classe de palavra que não o próprio adjetivo – ambos originados em substantivos:

FRESQUÍNHO, adj. dim. de Fresco. (vol. 1, p. 60)

VELHAQUÍNHO, adj. dimin. de Velhaco. (vol. 2, p. 837)

Já todos os advérbios diminutivos encontrados junto ao DLP têm origem em outros advérbios⁵. Já os verbos diminutivos

⁴ A indicação da classe a que pertencem as palavras que estão sendo analisadas ao longo deste texto é a mesma feita por Moraes Silva em seus respectivos verbetes da obra em análise.

⁵ As respectivas palavras a partir das quais se formam os advérbios diminutivos aqui citados (*manso* e *passo*) também são apontados no DLP como podendo ser empregados, respectivamente, como adjetivo e substantivo.

todos têm origem em substantivos⁶. Eis os advérbios e os verbos diminutivos existentes nesse dicionário:

MÃNSOSÍNHO, adv. dimin. de Manso. *Men. e Moça*, f. 37. ‘estava tangendo a fruta *mansosinho*;’ i. é, em som mui baixo, mui piano. (vol. 2, p. 262)

PÁSSOSÍNHO, adv. De vagarinho, de mansinho. *Men. e Moça*, f. 48. ‘fallai *passosinho*.’ (vol. 2, p. 409)

CHAPINHAR, v. n. Mover a agua por brinco dando de chapa com as mãos, ou pés.

CUSPINHÁR, v. n. Cuspir a miúdo.

MOLLINHÁR. v. n. Chuviscar. *Leão, Ortogr. f. 333. ult. Ediç.* (vol. 2, p. 312)

[CHOVISCÁR, v. n. Caír chuva miuda. (vol. 1, p. 392)]

Desse modo, a relação entre a classe a que pertence a palavra com as formas sufixais em análise e a classe da palavra que lhe deu origem pode ser assim sintetizada: 448 diminutivos são da mesma classe da palavra que lhes deu origem; 9 pertencem a classe diferente. Com base nesses dados, verificamos, portanto, que o diminutivo *-inho* e suas variantes muito pouco proporcionam a mudança de classe de palavra, quando se compara a palavra com o diminutivo e a palavra primitiva.

Para finalizar essa nossa breve análise acerca de alguns aspectos da morfologia das formas sufixais diminutivas *-inho*, *-inha*, *-sinho*, *-sinha*, *-zinho* e *-zinha*, queremos destacar a relação entre o gênero da palavra primitiva e o gênero do diminutivo. Para isso, restringiremos, novamente, o nosso *corpus* de análise para 452 palavras⁷, cujas palavras primitivas – e por consequência o gênero de

⁶ Consideramos ser origem de *chapinhar*, *cuspinhar* e *mollinhar*, respectivamente, *chapinha*, *cuspinho* e *mollinha*, todas presentes no *Diccionario da Lingua portugueza*.

⁷ Entre as palavras que compunham o *corpus* a partir do qual analisamos a relação entre a classe de palavra do diminutivo e a classe da palavra primitiva, 5 – 3 verbos e 2 advérbios – não possuem gênero. Como o nosso objetivo é contrastar o gênero do diminutivo com o gênero da palavra primitiva, não consideraremos essas 5 palavras, motivo por que o *corpus* fica reduzido de 457 para 452 palavras.

cada uma delas – puderam ser identificadas, das quais 49 são adjetivos e 403, substantivos⁸. Os dados nos indicam que somente em 10 ocorrências o diminutivo não possui o mesmo gênero da palavra a partir da qual se formou, ou seja, as outras 442 palavras conservam o gênero da palavra primitiva.

Vemos, portanto, a partir dos dados apresentados, que os diminutivos formados em *-inho* e suas variantes pouco mudam de gênero em relação à palavra a partir da qual se formaram. Todos os que mudaram, no entanto, são substantivos, como os abaixo:

ARVOREZÍNHO, s. m. dim. de Arvore. Ant. (vol. 1, p. 202)

CEBOLÍNHO, s. m. Semente, e planta da cebola. (vol. 1, p. 368)

OSTRÍNHO, s. m. Pequeno marisco menor que ostra. *Lus.* V. 79. *Elegiada*, f. 54. (vol. 2, p. 375)

E com essas informações, finalizamos a nossa breve descrição da morfologia das formas sufixais *-inho*, *-inha*, *-sinho*, *-sinha*, *-zinha* e *-zinha* no *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva.

4. Conclusões

O sufixo diminutivo em português, ao mesmo tempo em que possui uma longa tradição de ser contemplado nos estudos que se ofereceram sobre essa língua desde o século XVI, não possui, ainda, um estudo que o contemple, na perspectiva morfológica, por exemplo, elaborado a partir de textos de diferentes fases da história da língua portuguesa. Em outras palavras, está ainda por ser feita a história do sufixo diminutivo em português.

O texto que aqui apresentamos, embora os seus objetivos sejam modestos – se considerarmos a tarefa árdua que é fazer a

⁸ Em relação ao gênero das palavras que fazem parte do *corpus* aqui analisado, respeitaremos a indicação feita por Moraes Silva nos respectivos verbetes da obra em análise, assim como já fizemos em relação à indicação de suas classes de palavra.

história do diminutivo português –, traz importantes informações acerca de alguns aspectos da morfologia do diminutivo *-inho* e suas variantes *-inha*, *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha* no *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1813), as quais, por sua vez, já podem fornecer boas pistas para a história desse sufixo ao longo da história da língua portuguesa.

Desse modo, diante do que foi exposto, algumas informações merecem ser destacadas, a título de *conclusões*. Por exemplo: o sufixo *-inho* e suas variantes constituem as formas sufixais diminutivas mais representativas dentre as que se fazem presentes no DLP. Estas formas, por sua vez, têm comportamentos diferentes, de acordo com a terminação da palavra primitiva, a saber: 1) se termina em vogal átona, *-inho* e *-inha* são as formas preferidas para a formação do diminutivo, sendo também empregadas as outras, mas em bem menor proporção – em menos de 10% dos exemplos; 2) mas se a palavra primitiva termina em ditongo nasal ou vogal tônica, somente se encontram diminutivos em *-sinho*, *-sinha*, *-zinho*, *-zinha*; 3) já quando a palavra primitiva termina em consoante, tanto as formas vocálicas quanto as consonantais desse sufixo podem ser empregadas. Ou seja, há contextos que favorecem o emprego de uma dessas formas, em detrimento das outras.

A partir do exposto no parágrafo anterior, vemos que as formas *-inho* e *-inha* são as mais recorrentes na formação dos diminutivos analisados, ainda mais porque os contextos em elas pouco superam as outras formas (contexto de palavra primitiva terminada em consoante) ou não ocorrem (contexto de palavra primitiva terminada em ditongo nasal e vogal tônica) correspondem somente a 10% do total de palavra analisadas.

Outra conclusão a que os dados nos permitem chegar, quanto às formas sufixais que aqui estão sendo objeto de estudo, é que elas são típicas dos nomes (substantivos e adjetivos). Vejamos: de todas as palavras do nosso *corpus*, somente há 5 palavras (3 verbos e 2 advérbios) que não são nomes, e ainda assim consideramos os verbos serem formados a partir de substantivos.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Também analisamos aqui o sufixo *-inho* e suas variantes em relação ao gênero do diminutivo com essas mesmas características da palavra primitiva. Nesse aspecto, acreditamos ter ficado demonstrado que essas formas sufixais têm a propriedade que chamaremos de *status quo*, ou seja, raramente alteram as características anteriores ao surgimento do diminutivo.

Por fim, quero fazer duas observações: 1) as informações acima, embora tenham como base o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, podem ter uma validade bem maior, uma vez que obtidas a partir da análise de um dicionário de uso geral elaborado com base em cerca de 300 textos (impressos e manuscritos) de mais de 200 autores, conforme destaca Murakawa (1984, p. 26s, *apud* VERDELHO, *op. cit.*, p. 482), desde o século XVI; 2) como pôde ser observado, ao longo do texto, não apresentamos os porquês de determinado fato ser deste ou daquele jeito. Na verdade, ainda não era o nosso objetivo, caracterizado mais por seu enfoque descritivo que por busca das causas que geraram tais fatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, João de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: Typographum Ludouicum Rotorigiũ, 1540.
- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras em português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FONSECA, Pedro José da. *Rudimentos da grammatica portuguesa*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.
- MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da lingua portuguesa*. 2. ed. 2 v. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books/about/Diccionario de lingua portuguesa.html?id=GI8MAQAAMAAJ&redir_esc=y](http://books.google.com.br/books/about/Diccionario_de_lingua_portuguesa.html?id=GI8MAQAAMAAJ&redir_esc=y)>. Acesso em: 01-05-2013.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa*. Introdução, leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1975.

PORTO-DAPENA, José Alvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

REIS LOBATO, Antônio José dos. *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770.

PORTO-DAPENA, José Alvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

VERDELHO, Telmo. O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna. In: _____. *História da língua e historia da gramatica: actas do encontro*. Braga: Universidade do Minho/ILCH, 2003, p. 473-490.